

UM OLHAR OUTRO

Batendo palmas porque outros o fazem, assim nos comportamos muitas vezes. Fazendo coro juntos não destoamos. Situamo-nos na nossa zona de conforto. Infelizmente pouco nos importa a justiça e a verdade da nossa atitude. «Somos como os outros». Mas, como cristãos, nunca o devemos ser, porque devemos ser conformes à vontade proposta por Aquele que nos salva e dá sentido de autenticidade à nossa vida quotidiana.

«A missa é uma seca», ouvimos àqueles que a não frequentam, como desculpa e «ópio» para a sua falta de compromisso comunitário e de coerência entre a fé e as obras. E atira-se para o padre, que preside à Eucaristia semanal, o ónus de ser tudo e o seu contrário, para agradar a todos. Como o não consegue e, tardando em se convencer e decidir por uma linha de orientação, a que lhe é possível e mais conforme à sua formação e missão, em pouco tempo o temos «acomodado» e surdo às críticas díspares que chegam (ou não) aos seus ouvidos.

A verdade é que a missão de um padre na Paróquia não é «agradar» aos paroquianos, mas inquietá-los para que se convertam e decidam no seguimento das propostas de Jesus. Ajudar as pessoas não é alimentá-las no erro, mas despertá-las para a verdade. E isso custa particularmente no nosso tempo em que os grandes valores humanos, individuais e sociais, foram atingidos pelo vírus do imediato comer e gozar, empurrados pela nossa «cultura de morte» para o «inferno» de uma vida rasca, de braços cruzados «porque não vale a pena» e «todos fazem assim», isto é não se faz nada para que a vida tenha sentido de transcendência, sabendo que «um dia todos vamos dar contas a Deus». Até porque «nem só de pão vive o homem...».

São muitas as acusações que se fazem aos padres. Umas com razão. Outras sem qualquer fundamento razoável. Uma delas é que «são chatos». E não faltam orientações, ao gosto de cada um, a dizerem aos padres como hão-de cativar os jovens, não se alongarem nas homilias e atrair as crianças... Só que, a realidade impõe-se: não há dois padres iguais, como não há duas pessoas iguais. As diferenças são riqueza. Custe ou não aceitá-lo. E, humanos como todos, carregam as imperfeições dos seres humanos. Talvez mais que todos: quem não reconhece que o pároco numa aldeia tem também a «função» de ser o bode expiatório dos insucessos e males da comunidade? Precisamos de alguém a quem acusar impunemente e sobre quem descarregar as nossas frustrações e até culpar dos nossos infortúnios. Vem isto a propósito de uma bela notícia que acabo de ler. Ela fez-me lembrar o que por vezes repito: como pode um padre «dar a volta» a numa pessoa que chega à Missa já cansada e «agarrada» pelos infortúnios? Se ela já entra na igreja «carregada», terá o pobre do padre de ser o artista adequado que, na hora certa, consegue «tocar» aquele coração cansado e angustiado para o «aliviar» da carga com que entrou na igreja?

O La Croix de 7 de Outubro passado, um diário católico francês de prestígio internacional, titulava assim: «A Missa que toma o seu tempo» soube seduzir os jovens apressados. O título atraiu a minha atenção e levou-me à questão: se os jovens andam cheios de pressa, como é que eles preferem uma missa sem pressa, celebrada com calma?

Leio e resumo: Esta missa «que exige tempo», que não pode ser a correr, já completou 20 anos em Paris. A sua fórmula didáctica, o que a caracteriza, é a hora e meia que leva para pôr os jovens dos 18 aos 35 anos em contacto directo com a Palavra de Deus. Sob a orientação dos jesuítas, esta «missa que toma o seu tempo» encontrou o seu público especial, quer em França, quer noutros países. Começando do mesmo modo que todas as outras, a missa, dominada pela presença dos jovens, é celebrada à volta de um altar no centro da igreja, estando os fiéis à volta. À meia hora a mais do que as outras é consagrada à escuta do evangelho, à oração pessoal de 20 minutos e de uma partilha das reflexões em pequenos grupos. Inspira-se nos exercícios espirituais de Santo Inácio e na Escola da Palavra do falecido Cardeal Carlo Maria Martini, arcebispo de Milão, e assemelha-se um pouco ao que conhecemos como Lectio Divina: três pontos de meditação sobre o evangelho do dia para que os jovens possam experimentar o encontro directo com o texto para discernirem de que modo os seus ensinamentos tocam a sua vida concreta. «Nesta missa, temos tempo para nos deixarmos alimentar da Palavra de Deus e percebermos como andamos sobrecarregados de preocupações desnecessárias quando o melhor para nós é dar prioridade à Palavra de Deus e à oração», dizem os testemunhos. «Durante os 90 minutos, os crentes são actores na missa: numa reflexão activa, eles escutam o evangelho e deslocam-se à procura de um lugar tranquilo onde possam fazer uma oração pessoal e silenciosa durante vinte minutos». E, assim, todos os fiéis, sacerdote que preside e assembleia, se sentem iguais, todos «à mesma distância de Cristo», o que lhes permite lembrar o evangelho de cada domingo ao longo de toda a semana. A dimensão convivial também está presente e pode explicar o sucesso desta «missa que toma o seu tempo», já implantada em algumas cidades de França, Inglaterra, Canadá, Itália e Suíça: no final da missa há sempre um momento de convívio que permite o acolhimento mútuo e faz quebrar o anonimato dos participantes. Diante de tudo isto, quando poderemos nós, barcelenses, sonhar um modo diferente, calmo e verdadeiramente humano de celebrar o encontro com Jesus, Palavra e Pão? Serão necessárias tantas celebrações... com os minutos contados? Até quando?

O Prior - P. Abílio Cardoso

Tragem semanal: 1000 ex.



O ROSÁRIO



A oração do Rosário foi progressivamente desenvolvida. Inicialmente, os cristãos quiseram saudar Maria com as palavras do Arcanjo Gabriel, no dia da Anunciação: "Ave Maria, cheia de graça". Eles acrescentaram a bênção pronunciada por sua prima Isabel: "Bendita és tu entre todas as mulheres...". A segunda parte: "Santa Maria, Mãe de Deus..." - remonta ao século XV.

Cada invocação foi considerada uma rosa (daí o termo "rosário") que ajudou a formar uma fiada, uma pequena réstia ("terço"). As 150 Ave-Marias correspondiam aos 150 salmos presentes na Bíblia. Um cordel, um cordãozinho com nós, que permitia que o fiel se orientasse quanto ao número de invocações recitadas.

Deve-se o surgimento do Rosário aos dominicanos e, especialmente, ao Frade Alain de la Roche, no século XV, que teve a ideia de fundar a irmandade do Rosário. (...) Como os Dominicanos eram pregadores, eles associaram a cada dezena um "mistério", isto é, um dos momentos da vida de Cristo, à qual sua Mãe está intimamente ligada, desde o seu Fiat até a Sua coroação. Ao rezar o Rosário, pedimos a Maria que nos faça entrar em comunhão com Cristo Jesus.

Dom Jacques Perrier, ex-Bispo de Lourdes, 7 de outubro de 2013, In Zenit.org (Edição francesa)



Construir

Boletim Paroquial de Santa Maria Maior - Barcelos

Ano XV - Nº 46 - 17 de Novembro de 2019

Rua D. António Barroso, 116, 4750-258 Barcelos. Tel. 253 811 451, Telm. 966 201 411, email: paroquiadebarcelos@sapo.pt

Web: paroquiadebarcelos.org - Facebook: www.facebook.com/paroquiadebarcelos/

Tempo para o medo ou para a esperança?

Todos temos consciência, ou vamo-la adquirindo com o passar dos anos, de que o nosso tempo é fugaz, passa bem depressa e até tememos «o fim do mundo», porque sabemos que não somos eternos e vivemos atraídos para um futuro incerto, que preferimos até ignorar. Sentimo-nos muitas vezes devorados por um tempo que nos foge e nem nos damos conta da densidade de cada momento, preguiçosos que somos em fruí-lo com a calma necessária, que leva à contemplação. Corremos como que fugindo. De quê e de quem? Responderemos que tal não é verdade. E contentamo-nos com iludir-nos a nós próprios. Viver torna-se uma aventura, que exige atenção e cuidado, sabedoria e compromisso. Tal como a vida, o tempo é-nos dado. Podemos saboreá-lo e fazê-lo render ou podemos simplesmente desbaratá-lo.

Ao aproximar-se o termo de um ano litúrgico, aparece-nos o evangelista Lucas, contemporânea da grande perseguição aos cristãos no Império Romano e também aos judeus, que vêem o templo de Jerusalém ser destruído, aquele mesmo espaço que Jesus frequentou várias vezes e sobre o qual, no dizer de Lucas, Jesus teria profetizado que dele não ficaria pedra sobre pedra. O que aconteceu no ano 70, a destruição do templo de Jerusalém, marcou o início da grande diáspora do mundo judaico, que durou até ao século XX. «Fim do mundo», fim de uma era, fim de uma ordem estabelecida... tudo isto foi olhado pelos primeiros cristãos à luz da morte e ressurreição de Cristo, que prometeu que estaria sempre connosco «até ao fim dos tempos».

Como outrora o povo de Israel, que conhecera constantes vicissitudes na sua história, lidas como infidelidades do povo diante de um Deus misericordioso e fiel, também o povo da «nova e eterna aliança», que surge da cruz de Jesus, vive na esperança de «novos céus e nova terra», onde Deus inaugura a sua justiça e os infortúnios do povo são ultrapassados pela esperança de que «de novo há-de vir o Salvador».

Numa leitura errada de tantas religiões, o fim do mundo é tido como convulsões do cosmos, cataclismos destruidores, guerras e destruições. E como o tempo não é dominável pelo homem, facilmente se usa e abusa do anúncio de desgraças que estão para vir. Os cristãos têm o dever de uma leitura diferente porque sabem - e fazem disso profissão de fé - que Deus é o senhor da História, de que Deus é senhor do tempo e de que a nossa vida está nas mãos de Deus. Se O olhamos à maneira humana transferimos para Ele os nossos sentimentos de medo e de vingança, de justicialismo e de posse, desejando que Ele siga os nossos pensamentos. Felizmente que Deus não é isso e não age para com as suas criaturas de tal modo. Nós, os cristãos, devemos viver na esperança da novidade de Deus («Eis que faço novas todas as coisas», diz o Apocalipse), que nos responsabiliza em usar bem dos bens criados e de usufruir e desenvolver a beleza do mundo para proveito de todos. Sabendo que Jesus venceu a própria morte, vivemos ao longo da nossa existência, a certeza de que Ele está connosco «até ao fim dos tempos». Este fim aparece na contingência do espaço e do tempo: somos seres finitos, a nossa morte, como termo da existência biológica, não é o nosso fim. Não fomos criados para o nada. A nossa vida, uma vez iniciada, vai-se desenvolvendo até que um dia entra na plenitude do Ser. Em Deus. Vivemos o tempo da esperança responsável. Vivemos o tempo do compromisso. Vivemos o tempo do testemunho na

perseverança. Mesmo que o não pareça, o nosso mundo é habitado por Deus: Cristo é essa certeza de que Deus encarnou e está encarnado no mundo dos homens. Anunciado como o Emmanuel pelos profetas, Ele, Cristo, inaugurou os tempos novos de um Reino Universal e Eterno, o da graça e da misericórdia que habitam o nosso mundo. Nada de medo diante do «fim do mundo». Mas comprometidos em tornar o nosso mundo - o mundo do nosso tempo, aquele em que se processa a nossa existência histórica - mais humano e mais divino.

CONFERÊNCIA SOBRE OS NOVÍSSIMOS

Na próxima sexta-feira, às 21.30, na Igreja de Vila Frescaíña São Pedro haverá uma conferência sobre os Novíssimos por D. Nuno Almeida, Bispo Auxiliar de Braga. A entrada é livre.

CAMPANHA

10 MILHÕES DE ESTRELAS UM GESTO PELA PAZ:

A Cáritas promove esta campanha com as velinhas para acender na Noite de Natal.

Em 2019, 65% destina-se a apoiar nas despesas relacionadas com a saúde das pessoas/famílias acompanhadas na Cáritas Arquidiocesana de Braga. Os restantes 35% serão aplicados na iniciativa "Cáritas ajuda Moçambique", nomeadamente através do apoio às vítimas das cheias e do Ciclone Idai, nas dioceses Moçambicanas da Beira, Chimio, Quelimane e Pemba.

Importa salientar que em 2019, a Cáritas Portuguesa alterou a imagem da vela, havendo também alteração no valor de aquisição da mesma. Assim a Vela da Paz tem o custo unitário de 2 euros.

O Prior - P. Abílio Cardoso

A VIDA DO POVO DE DEUS TORNADA ORAÇÃO
XXXIII DOMINGO DO TEMPO COMUM
O Senhor virá governar com justiça
**Segunda, 18 – Dedicção das Basílicas
de S. Pedro e de S. Paulo**

 Leituras: 1 Mac 1, 10-15.41-43.
54-57. 62-64
Lc 18, 35-43

**Terça, 19 – Leituras: 2 Mac 6, 18-31
Lc 19, 1-10**
**Quarta, 20 – Leituras: 2 Mac 7, 1. 20-31
Lc 19, 11-28**
Quinta, 21 – Apresentação de Nossa Senhora
 Leituras: 1 Mac 2, 15-29
Lc 19, 41-44

Sexta, 22 – S. Cecília
 Leituras: 1 Mac 4, 36-37. 52-59
Lc 19, 45-48

**Sábado, 23 – Santa Maria, S. Clemente I
e S. Columbano**
 Leituras: 1 Mac 6, 1-13
Lc 20, 27-40

**DOMINGO, 24 – NOSSO SENHOR JESUS CRISTO,
REI DO UNIVERSO**

 Leituras: 2 Sam 5, 1-3
Col 1, 12-20
Lc 23, 35-43

Intenções das missas a celebrar na Matriz

(Segunda a Sábado: 19.00 / Domingo: 11.00 e 19.00)

Segunda, 18 – Celebração da Palavra
Terça, 19 – Jorge Martins da Silva Correia
Quarta, 20 – Celebração da Palavra
Quinta, 21 – Intenções colectivas:

- Manuel Rosa Batista da Costa, esposa e filho
- Manuel Fernandes da Costa
- Isaura Amorim da Costa Lima Macedo

Sexta, 22 – Albina da Rocha Arantes e marido
Sábado, 23 – Intenções colectivas:

- Maria Cândida Barbosa da Costa
- Francisco Duarte Carvalho
- Maria do Carmo de Sousa Faria
- Manuel João Jesus Amaral
- José Luís Pereira da Costa
- José Manuel Amaral Coelho (aniv. falecimento)

**Domingo, 24 – 11.00 – Missa pelo povo
19.00 – Pelos Benfeitores da Paróquia**


COMECEMOS POR PERGUNTAR

1. O segredo de um caminho está, quase sempre, no seu começo. Nem sempre termina bem quem bem começa. Mas quem não chega a começar é que jamais será capaz de terminar.

2. O nosso problema com o saber é que não costumamos valorizar devidamente o primeiro saber. Como é possível atingir qualquer saber se nem sequer prestamos atenção ao primeiro saber?

3. Acontece que o primeiro – e tão subestimado – saber é o não-saber. Se não partimos deste primeiro saber, que sabedoria podemos esperar? Quem sabe que não sabe ainda procurará bater à porta de algum saber. Pelo contrário, quem nem sabe que não sabe que sabedoria poderá alcançar?

4. Mas o não-saber é mais que o saber primeiro. É também o saber constante. Ou seja, quando sabemos, começamos por saber que não sabemos. E, quando vamos crescendo no saber, continuamos a saber que há sempre muito por saber.

5. Este não-saber costuma ser qualificado como «douto». É douto porque nos previne da nossa primordial ignorância. E porque nos garante que, por muito que venhamos a aprender, há sempre muito mais que ficará por conhecer. Como alertava um autor medieval, estaremos sempre envolvidos pela «nuvem do não-saber».

6. Voltando-nos para Deus, notamos que vivemos cercados por um imenso «não-saber»: nem sempre sabemos pensar («agnosia») nem sempre sabemos falar («afasia»), nem sempre sabemos persistir («atonia») e nem sempre sabemos agir («apraxia»). No fundo, estamos sempre a oscilar entre uma «agnosia teológica» e uma «apraxia teológica».

7. É impossível vencer totalmente a nossa ignorância. Mas é possível – e, mais que possível, desejável – melhorar a nossa prática. De Deus nunca saberemos o suficiente. Mas por Deus podemos – e devemos – fazer bastante.

8. Deus pode ser pensado, mas nunca poderá ser pensado pelo pensamento. Os conceitos indicarão alguma coisa sobre Ele, mas nunca mostrarão tudo acerca d'Ele.

9. Assim sendo, não nos apresentemos na missão como quem já tudo sabe. Começemos sempre pela «pastoral da pergunta» e nunca esqueçamos a decisiva «pergunta da pastoral». É a pergunta que Paulo fez a Jesus: «Que queres que eu faça?» (Act 9, 6).

10. É Jesus quem sabe o que devemos fazer. É precisar estar com Ele para poder agir em nome d'Ele. A oração é, definitivamente, o «parto» da missão!

João António Pinheiro Teixeira, in DM 03.11.2015

DECÁLOGO PARA OS PAIS COM FILHOS NA CATEQUESE

1. Não somos uma ilha. Assim como precisamos da família e da sociedade, para fazer nascer e crescer o nosso filho, mesmo que a primeira responsabilidade seja sempre nossa, também precisamos da Igreja, para que o nosso filho, renascido pelo Baptismo, cresça connosco na fé.
2. Não nos bastamos a nós próprios na educação da fé, mesmo que sejamos os primeiros catequistas dos nossos filhos. Os catequistas da nossa paróquia estão à nossa disposição, não para ser nossos substitutos, mas para se tornarem nossos colaboradores na educação da fé. O seu trabalho, feito em comunhão com a Igreja, será sempre em vão, sem o nosso empenho e colaboração!
3. Não faltaremos à Catequese. A Catequese não é um «ensino» avulso e desorganizado. É uma educação da fé, feita de modo ordenado e sistemático, de acordo com o programa definido pelos Catecismos. As faltas à Catequese quebram a sequência normal da descoberta e do caminho da fé. Velaremos pela assiduidade dos nossos filhos. E pelo seu acompanhamento, num estreito diálogo com o pároco e os catequistas.
4. Não esperamos da Catequese que faça bons alunos. Antes, pretendemos que ela nos ajude a formar discípulos de Jesus, que O seguem, em comunidade. Não desprezaremos a comunidade dos seus discípulos, a Igreja, nos seus projectos, obras e iniciativas.
5. Não queremos, apesar de tudo, que a Catequese seja o nosso primeiro compromisso cristão. Participar na Eucaristia Dominical é um bem de primeira necessidade. Saberemos organizar a agenda do fim-de-semana, pondo a Eucaristia, em primeiro lugar. Custe o que custar!
6. Não queremos que a Catequese substitua as aulas de Educação Moral e Religiosa Católica nem o contrário. Porque a Catequese, não é uma «aula», em ambiente escolar, dirigida sobretudo à inteligência, e destinada a articular a relação entre a fé e a cultura. A Catequese é sobretudo um «encontro», no ambiente da comunidade, que se dirige à conversão da pessoa inteira, à sua mente, ao seu coração, à sua vida. A disciplina de EMRC e a Catequese não se excluem mas implicam-se mutuamente.
7. Não estaremos preocupados por que os nossos filhos «saibam muitas coisas». Mas alegrar-nos-emos sempre, ao verificarmos que eles saboreiam a alegria de serem cristãos, e vão descobrindo, com outros cristãos, a Pessoa e o Mistério de Jesus, o Amigo por excelência, o Homem Novo, o Deus vivo e o Senhor das suas vidas!
8. Não exigiremos dos nossos filhos, o que não somos capazes de dar. Por isso, procuraremos receber nós próprios formação e catequese, para estarmos mais esclarecidos e mais bem preparados. Procuraremos estar onde eles estão. Rezar e celebrar com eles, de modo a que a nossa fé seja vivida em comum na pequena Igreja que é a família e se exprima na grande família que é a Igreja.
9. Não exigiremos dos nossos filhos o que não somos capazes de fazer. Procuraremos pensar e viver de acordo com os valores do Evangelho. Sabemos bem que o testemunho é a primeira forma de evangelização. Deste modo, eles aceitarão melhor a proposta dos nossos ideais e valores.
10. Jamais cederemos à tentação de «mandar» os filhos à Catequese, para nos vermos livres deles ou para fugirmos às nossas responsabilidades.

P. Amaro Gonçalo, In Voz de Lamego, 24.09.2019

MISSA NO CEMITÉRIO – Promovida pela Confraria das Almas, haverá nova celebração da missa, na capela do cemitério, em sufrágio dos fiéis defuntos, amanhã às 10.00.

PALESTRA ARCIPRESTAL – Os padres do Arciprestado vão reunir na quarta-feira,

OFERTAS PARA BOLETIM

Pedimos a colaboração generosa para com o Boletim, que é distribuído gratuitamente.

– João Machado – Hotel Lar: 20,00

TOTAL DA SEMANA – 20,00 euros

A transportar: 19.941,95 euros
Despesas até agora: 30.705,36 euros

ra, às 17.30, em Alheira, dado ter sido desta Paróquia o último pároco de Barcelos falecido, o P. Porfirio. À palestra vai seguir-se a celebração de Vésperas e a Eucaristia de sufrágio pelos sacerdotes falecidos.

FORMAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS

– Na próxima quinta-feira, às 21.00 nas salas de catequese, teremos nova sessão de catequese de adultos orientada por responsáveis leigos da nossa Paróquia.

ESCUTEIROS – Os escuteiros do Agrupamento 13 da nossa Paróquia têm o EG13 - Encontro de Guias do XII na próxima sexta-feira, no sábado têm o C'aFé - IVª secção às 18.00, a reunião

PORCO E BURRA

«Uma mulher que sobe à montanha de automóvel, cruza-se com um condutor homem que faz, também de carro, o percurso de descida, e grita-lhe da janela: "Porco!". Ao que aquele, para não ficar atrás, lhe grita com toda a força: "Burra!". Eis que o homem, depois da primeira curva, que aborda com velocidade aumentada pela fúria, se depara com a estrada bloqueada por um enorme porco, que investe contra a viatura com consequências ruinosas.»

Estamos mais uma vez perante os habituais fluxos migratórios dos automóveis dos veraneantes, bem como aos inevitáveis despeitos, insultos, prevaricações, indisciplinas e às violações de todos os códigos (não só o da estrada). Este apólogo, que extraio do livro "Homo sapiens?", escrito por um médico e por um padre, supõe um contexto análogo, mas permite-nos uma reflexão de outro género.

O equívoco na comunicação está sempre à espreita: pode-se, com efeito, mal-entender uma palavra e reagir brutalmente, por vezes de modo irreparável.

Todos nós temos de reconhecer que nas nossas relações inserimos de quando em vez uma fenda precisamente por causa de um erro ou de um mal-entendido. E talvez a ferida nunca mais se tenha sanado, também porque talvez – da nossa parte – se reagiu com violência, desencadeando uma espiral de impropérios.

E todavia na origem havia o nada, apenas uma pura e simples falha, quem sabe até divertida, ou – e é este o paradoxo do apólogo citado – nada mais do que o desejo de oferecer uma ajuda ou agradar. É por isso que o autocontrolo nunca é demasiado. Tinha razão o salmista quando se propunha: «Vigiarei sobre a minha conduta para não pecar com a minha língua, porei um freio na minha boca» (39,2). Uma má palavra dita não morre, pelo contrário, começa a viver e a provocar estragos.

*P. (Card.) Gianfranco Ravasi,
In Avvenire, Publicado em 31.07.2019*

de Direcção e jantar às 19.00 e Conselho de Agrupamento (contas) às 21.30.

DIA ARCIPRESTAL DO CATEQUISTA – Será em Braga, no dia 23 de Novembro, das 9.00 às 16.00.

ADORAÇÃO EUCARÍSTICA – Na Igreja do Terço, no sábado das 15.30 às 16.30, pelos ex-ministros da Comunhão.

SÓCIO-CARITATIVA – Vai reunir no próximo sábado, às 16.30, nas salas de catequese.